

PALESTINA

Inalva Valadares Freitas

Quantas guerras já vivi?
Quantos Guarnica já admirei?
Por que minha paixão pelo Vietnam?
O que sei sobre palestinos e israelenses?
Nenhuma resposta sobre nenhuma pergunta
Não sei dimensionar na minha vida
Guerras distantes de gente que não conheço
Nem mesmo sei responder o que seja guerra

Mas porque essa dor dilacerante no peito?
Por que tantas lágrimas silenciosas a cada imagem macabra?
Por que só lamentar crianças e mulheres?
Serão os HOMENS os culpados?
Será o HOMEM um fazedor de guerras?
Por que penso nos vivos mais que nos mortos?

Quando se para uma guerra?
Como se volta prá casa depois de uma guerra?
A quem posso oferecer minha casa?
O que falar para quem sai de uma guerra?
O que silenciar para quem faz uma guerra?

Esse vazio perturba, esse silêncio me dilacera
Continuar e ir em frente como um pesadelo
É muito pouco ou é muito, muito, muito...
A finitude invade a alma
Eu acredito em alma.
A alma da dor pelo tão distante
A alma da lágrima pelo soldado, pela mulher, pela criança
A alma da lágrima, da raiva pelo potente canhão

Não sei viver uma guerra
Não sei dizer nada de guerra
Não sei sentir os que sentem a guerra
O que me sobra então?

Uma dor imedida
Uma dor sem topografia
Uma dor sem tumor, sem cor
Uma dor de um amor profundo
Pelos mortos na guerra
Uma dor pelos vivos da guerra

Só me resta uma dor.
Só me resta um amor.

